

A CONTRIBUIÇÃO DA TEORIA DE LEONTIEV NO ESTUDO DA RELAÇÃO ENTRE TRABALHO E EDUCAÇÃO

Francisca de Melo Beserra (UFC)
franciscabeserra@hotmail.com
Jamille Ma. Rodrigues Carvalho (UECE)
jamillerodrigues_@hotmail.com
Pamella Beserra de Melo (UECE)
pamellamelo_@hotmail.com
Ruth Maria de Paula Gonçalves (UECE)
ruthm@secrel.com.br

INTRODUÇÃO

A relação entre trabalho e educação é alvo de pesquisas de vários estudiosos os quais procuram entender melhor como se configura essa articulação, uma vez que ambos constituem complexos sociais oriundos do mundo dos homens, sendo o primeiro, categoria fundante do homem como ser social enquanto que a educação configura um processo fundado pelo trabalho. Para efeito de nosso estudo, partimos de uma reflexão acerca dessa relação, fundamentada na teoria de Leontiev, especialmente a partir do livro “O desenvolvimento do psiquismo”, tomando por base a ontologia marxiano-lukacsina, acrescida das contribuições de autores como Lessa e Tonet.

Inicialmente discutiremos o desenvolvimento da Psicologia Histórico-cultural e a importância de seus membros, dentre eles Vigotski, Leontiev e Luria, que muito acrescentaram nas reflexões de nosso trabalho, mormente por se tratar de uma psicologia cuja base marxista presta-se a análise da realidade objetiva e da concepção onto-histórica do homem em movimento. Para uma melhor compreensão da psicologia histórico-cultural, que fundamenta nossa análise, expomos um apanhado geral sobre a concepção de ser social e da essência histórico-social humana até o desenvolvimento e integração de funções psicológicas superiores. Por fim destacamos a importância da relação entre trabalho e educação no contexto atual de crise estrutural do capital, a qual provoca mudanças econômicas, políticas, sociais as quais interferem nas formas de pensamento, sentimento e ação dos homens.

Antes de discorrer sobre a relação entre trabalho e educação, nos foi necessária uma discussão sobre como o homem deu um salto evolutivo, saindo de uma esfera exclusivamente biológica, instintiva para se constituir um ser cultural. Ao analisarmos estas obras percebemos a importância do papel formador que o trabalho tem para o nascimento da espécie humana, sobretudo, para o desenvolvimento das funções psíquicas superiores.

O conceito de trabalho está aqui empregado não no sentido de emprego, identificado pela relação patrão-empregado, na forma social capital mediada pelo dinheiro, à mercadoria das mercadorias, puro valor de troca. Com efeito, concebemos o trabalho como a atividade vital do homem, diferenciada da atividade dos animais por ser mediada pela reflexão consciente, livre e por produzir incessantemente o novo, gerando a partir dele novas possibilidades, necessidades e habilidades ao gênero humano, concepção sustentada por Marx recuperada por Lukács.

1. Psicologia Histórico – cultural e a Formação do Indivíduo

A Psicologia Soviética, também conhecida por psicologia histórico-cultural tem como representantes mais expressivos Vigotski, Luria e Leontiev, os quais formam o que se denominou de Tríade Soviética. Em comum defendem a essência sócio-cultural do homem e a importância da socialização para o desenvolvimento pleno das potencialidades humanas. Fato este percebido quando nos deparamos com a riqueza de suas obras, repleta de postulados marxistas, destacando o trabalho como ato que funda o mundo dos homens.

Nos estudos de Leontiev, assim como nos estudos dos dois outros componentes da tríade, observamos que seus pressupostos não desprezam a relevância da evolução e da biologia na formação do homem moderno, mas para eles, esse homem “acabado” sofreu maiores influências das leis sócio-históricas; ou seja, o homem é um ser social, produto da vida em sociedade e da apropriação da cultura. Com efeito, é necessário que o homem passe por um processo denominado humanização a fim de que este possa vir a se tornar verdadeiramente homem, ou seja, um processo histórico-cultural de transmissão das características do gênero, em que cada indivíduo tem de se apropriar dos conhecimentos, valores e comportamentos produzidos por seu grupo para humanizar-se, evidenciando que a essência humana é uma essência histórica ou histórico-social.

Tal aquisição ocorre através da apropriação dos fenômenos externos da cultura material e intelectual produzidos por gerações precedentes. Esta forma particular de fixação e transmissão das aptidões humanas se deve à atividade fundamental humana: o trabalho. (LEONTIEV, 2004).

Vale ressaltar que essa essência sócio-cultural só se efetiva a partir da carga biológica da espécie humana; a ontogênese, o processo de hominização, aspecto que não é negado por esses estudiosos, pois foi preciso muitas mudanças evolutivas para que os homens primitivos pudessem transformar-se verdadeiramente em sociedade humana. Houve, de fato, uma preparação biológica que começou a se produzir por influência do trabalho e da linguagem dele decorrente, como necessidade coletiva. Como ressalta Leontiev (2004) a biologia passou então a registrar na constituição anatômica do homem o desenvolvimento da produção, e por assim dizer, a história da sociedade humana. Esta forma de fixação e transmissão das aptidões, particularmente humana, se deve ao trabalho. A partir dele se deu a gênese e o processo de complexificação das funções psicológicas superiores.

Registra-se no entanto, que as condições históricas e o modo de vida da humanidade mudam constantemente, enquanto que as propriedades biológicas do homem contemporâneo, “formado” não sofrem grandes variações a ponto de ter alcance essencial, pois este já possui as modificações biológicas necessárias ao seu desenvolvimento social. Pressupomos então que as modificações naturais hereditárias não determinam o desenvolvimento sócio-histórico do homem; por isso Leontiev (2004, p281) afirma que “apenas as leis sócio-históricas regerão doravante a evolução do homem”.

De acordo com Vigotski (2008) o desenvolvimento biológico e histórico do ser humano consubstanciados na filogênese e na ontogênese revelam diferenças entre espécie e gênero humano. Nesse sentido, hominização e humanização constituem aspectos distintos da processualidade humana, ou seja, uma vez constituído o *homo sapiens*, abrem-se novas necessidades e novas possibilidades, as quais através do trabalho e dos complexos sociais dele decorrentes torna-se possível a consolidação do homem como ser social.

A evolução biológica é regida pelo predomínio da atividade orgânica, ocorrendo com o desenvolvimento histórico, o distanciamento das barreiras naturais sob a regência da atividade instrumental, mediada pela consciência, o que confere um salto ontológico na

entificação do ser social. O trabalho exerceria então um papel de transição entre o ser orgânico e o ser social.

Vigotski ao discutir o caráter social das funções psicológicas superiores identifica que estas se apresentam inicialmente de forma externa, como uma relação entre duas pessoas, para depois influenciar a personalidade e tornar-se característica interna. Ou seja, o indivíduo “aprende a ser homem” apropriando-se das formas superiores de comportamento através das relações sociais.

Vigotski ofereceu-nos ainda uma rica contribuição sobre a importância dos instrumentos e dos signos, e também, como eles auxiliam no desenvolvimento das funções psicológicas superiores, uma vez que, com a emancipação do homem frente à natureza, o patrimônio cultural produzido deve ser transmitido pelas relações interpessoais. Existe uma diferença básica entre ser humano e pertencer ao gênero humano, pois o bebê só consegue se humanizar quando a ele é apresentado as conquistas feitas pelos seus predecessores.

Existem dois processos básicos que facilitam essa mediação: o instrumento, considerado por Vigotski (2008, p.55) como sendo: “o condutor da influência humana sobre o objeto da atividade” e o signo, o qual não atua sobre a natureza externa, e sim sobre o psiquismo humano. Facci (2004, p. 204) nos apresenta os signos como sendo: “estímulos-meios artificiais introduzidos pelo homem na situação psicológica, que cumprem a função de auto-estimulação”. Os signos são socialmente criados, os seres humanos os inventam e lhes atribuem um valor, atendendo, portanto, ao conjunto dos homens. No entanto, nos marcos da sociabilidade do capital efetiva-se uma relação antagônica entre sentido e significado, repercutindo em uma fragmentação da formação humana.

2. O Trabalho Como Ato Gênese do Ser Social e das Funções Psicológicas Superiores

Existem várias concepções teóricas sobre o ser social que retiram do homem a autonomia sobre sua história, deslocando essa responsabilidade para sua essência biológica, por exemplo. Certamente, as *características naturais* são importantes na construção da individualidade humana, mas existem outros aspectos que diferenciam o ser humano dos animais: a necessidade de se relacionar com outros humanos já humanizados (*generidade*) e o *trabalho*, formando o que se denominou de tripé onto-histórico, fundamental para a construção do ser social.

Analisando a teoria marxista encontramos as bases que fundamentam o papel do trabalho na transformação e no desenvolvimento do homem como ser social. Por meio de uma concepção onto-histórica de essência humana, Marx estabelece a intrínseca relação entre o surgimento do trabalho e a formação do próprio homem.

Para Marx e Engels, filósofos do século XIX, o trabalho é a atividade responsável pela diferenciação do homem em relação aos animais; contudo, as relações sociais de dominação engendradas pela forma social capital fazem do trabalho fonte de exploração entre os homens, força motriz para a luta de classes. Com efeito, apesar da particularidade da posição teleológica do homem, a sociedade constituída pelo ser social é formada por conexões causais, não podendo a existência real de essa sociedade ter caráter teleológico.

Ao empreender o estudo das sociedades humanas, Marx lançou as bases para uma ontologia do ser social, considerando o homem como resultado de sua própria atividade sobre a natureza e não de forças naturais ou divinas. Corroborando com o pensamento marxiano Leontiev (2004, p.279) assinala que: “Não concederemos qualquer atenção às que partem da idéia de origem espiritual, divina do homem, que constituiria a sua essência particular: admitir tal teoria é colocarmo-nos fora da ciência.” Leontiev (2004, p. 279) ainda nos fala sobre a

orientação desenvolvida pela ciência progressista, “que parte da idéia de que o homem é um ser de natureza social, que tudo o que tem de humano nele provém da sua vida em sociedade, no seio da cultura criada pela humanidade”. Perfilando-nos com os lineamentos teóricos de Leontiev, buscamos examinar o papel do trabalho como ato-gênese do ser social, partindo de algumas obras de Marx e dos psicólogos soviéticos Vigotsky, Luria, os quais tomam a ontologia marxiana como aporte teórico de seus estudos sobre o ser social.

Marx estabeleceu uma conexão entre a subjetividade humana e a objetividade material e social que compõem o mundo dos homens, entendendo que a formação de seu mundo interno se dá através das relações sociais em sua concretude. Resultante dessas observações, Marx demonstrou que a essência humana não é imutável e nem existe fora da historicidade, contudo, a mutabilidade dessa essência não implica na sua inexistência, mas sim que o homem através do modo como produz a sua vida a constrói constantemente, em condições impostas pelas relações sociais criadas pelo próprio homem.

É importante ressaltar como mostra Leontiev (2004) que as aquisições do desenvolvimento histórico das aptidões humanas não são dadas aos homens, estas são apenas postas e para haver a apropriação destes resultados, para que haja a objetivação da cultura que o encarna o homem necessita da intermediação de outros homens, entrando em relação com os fenômenos circundantes num processo de comunicação uns com os outros. Sendo assim, o movimento da história só é possível a partir da transmissão às novas gerações das aquisições da cultura humana.

Entendendo tanto o mundo subjetivo dos homens como sua essência construídos histórico e socialmente pela atividade humana, a teoria marxista critica a filosofia que apenas reproduz as idéias e valores das classes dominantes. Assim, a filosofia mais do que um conjunto de idéias prontas e definitivas deveria constituir um espaço para reflexão e mudança das relações sociais desumanas, as quais, grande parte dos homens estão submetidos (LESSA e TONET, 2008).

O homem sofreu profundas modificações desde seu surgimento, uma delas foi a conquista da posição ereta que possibilitou a liberação da mão para ser utilizada como instrumento de trabalho e não mais como meio de locomoção, promovendo um avanço ontológico. Dessa forma, por mais que haja alguma semelhança entre a mão dos símios e a do homem, aquela jamais conseguiu fazer um machado de pedra, por mais rudimentar que fosse; já esta não só o criou como o aperfeiçoou ao longo dos anos.

A mão, por sua vez, mostra-se, além de órgão do trabalho, produto dele, à medida que certos movimentos foram sendo aperfeiçoados, acarretando em mudanças físico-estruturais em todo o corpo humano e não apenas nesse órgão. Assim, quando a mão começou a se especializar, complexificando-se, ocorreram, concomitantemente, diversas mudanças em outras partes do organismo. Somando-se às mudanças corporais, novas possibilidades se revelaram ao novo homem. Uma delas se dá com o advento do trabalho coletivo, o qual potencializou ações que antes eram executadas individualmente. Com a formação de grupos, a necessidade de desenvolvimento e de um meio de comunicação tornava-se imediata. Primeiramente, as pinturas rupestres, as esculturas, depois a criação da linguagem verbal.

Assim, o trabalho aliado à formação das palavras constitui um marco na história dos homens, norteadas por processos psicológicos que caracterizam a diferenciação do cérebro humano perante aos demais animais. Por intermédio do trabalho - como atividade vital consciente, o homem se diferenciou dos animais por produzir circunstâncias para sua sobrevivência. Dessa forma ele pôde adquirir novos comportamentos, novas maneiras de ser, com outras necessidades; pois a cada novo objeto produzido o homem se recria, se modifica, introduz novos conhecimentos e habilidades ao gênero, marcando um novo grau de desenvolvimento.

Através do trabalho o homem mantém sua relação com a natureza para que possa atender suas necessidades. Para isso, a ação humana é mediada por instrumentos que permitem a transformação do homem em ser social e culturalmente mediado. Esses instrumentos mediadores propiciam aos seres humanos um aumento significativo de suas atividades. Pela mediação do trabalho, o homem altera e controla sua conduta, transforma suas inclinações e funções naturais, traçando novas formas de comportamento culturais, superiores. Dessa forma o homem domina sua própria natureza, controlando seu comportamento por meio da mediação dos instrumentos simbólicos.

Além dessas contribuições, o trabalho também permitiu, como já pontuamos anteriormente, que as funções psicológicas elementares, presentes inclusive em animais mais desenvolvidos, pudessem evoluir para funções superiores como o resultado mediado das relações estabelecidas pelos homens no ato do trabalho. Esse processo de gênese das funções psicológicas superiores é um assunto muito importante dentro da Psicologia histórico-cultural, pois supera o caráter unilateral como eram vistas até então, para ressaltar seu caráter social e sua dimensão natural.

Por meio dos estudos de Vigotski, psicólogo soviético, o qual pauta suas concepções de homem na teoria marxista, pode-se entender a relação entre as funções psicológicas superiores e o trabalho, sendo este um fundamento ontológico do ser social, cuja maior repercussão seria a formação do gênero humano, através do processo de humanização que se dá pela apropriação do patrimônio histórico-cultural produzido pela humanidade ao longo de sua história.

Assim, a mediação de instrumentos seria a chave do processo de transformação das funções psicológicas elementares em funções psicológicas superiores. Essas funções, além de se caracterizarem pela mediação e origem social, também são controladas de forma consciente e voluntária.

As funções psicológicas superiores são assim, processos sociais e surgem a partir do movimento de objetivação e exteriorização. São elas: a memória lógica, a atenção voluntária, o pensamento verbal, a linguagem intelectual, o domínio de conceitos, o planejamento, entre outros. Tais funções surgem como algumas das diferenças em relação aos outros animais, haja vista que eles possuem apenas a memória natural, os reflexos, a atenção involuntária. A partir de uma leitura de Vigotski percebemos como o âmbito histórico-cultural é imprescindível para a adequada compreensão das funções psicológicas superiores, o que não significa negar o caráter natural de seu desenvolvimento.

Em nosso estudo sobre os processos psicológicos, percebemos como as sensações representam o aspecto básico necessário para que possamos obter conhecimento. Através de elementos fornecidos pelos sentidos gerais e especiais, as sensações nos possibilitam a compreensão de informações sobre a nossa realidade externa e interna, a criação de idéias, a representação de objetos e sentimentos. Além de possuir uma intercomunicação com a percepção, a emoção e a criatividade, que potencializa essas possibilidades.

A partir de um “trabalho conjunto” dos órgãos do sentido transformamos sensações isoladas em percepção integral, de uma forma complexa. Cada um percebe de forma diferente as informações que lhe chegam e acrescenta-se a isso os princípios, valores, a história de vida de cada um, que vai influenciar diretamente sua apreensão e compreensão do fenômeno. Compreendemos também que a atenção utiliza instrumentos, como a linguagem para se tornar uma função psíquica superior e exercer a sua função de reorganizar nosso campo perceptivo, caso contrário seria impossível direcionar nossas ações para aquilo que é mais importante devido ao grande número de estímulos que recebemos.

No que se refere à memória, é preciso sair de uma representação apenas fisiológica e passarmos a entendê-la como uma função psicológica, um constituinte importantíssimo do psiquismo humano, que permite organização e reprodução de experiências. Essa conservação

de registros, aliada à percepção e ao pensamento, é que possibilita a continuidade e a transmissão da história humana de geração em geração.

Ainda que todos esses processos psicológicos sejam engendrados pela regência do movimento do real, a relação do homem com a natureza, contudo, não pode ser desfeita, pois esta constitui uma das categorias que consubstanciam a base do gênero humano, ao lado do trabalho e das relações dos homens com outros homens.

A hominização e a humanização contribuíram para o surgimento do trabalho, uma vez que aquela representa a evolução biológica e esta representa o desenvolvimento histórico, principalmente por meio da cultura. A hominização tornou o homem apto a realizar diversas funções devido às mudanças anatômicas; já a humanização, transformou “mentalmente”, sociologicamente, esse novo homem, que passou a ter no trabalho sua maior identidade. Leontiev (2004) define o homem como ser social, o qual se constrói humano a partir de sua vida em sociedade e que tem como base de sua hominização o trabalho, diferindo dos animais por ter seu desenvolvimento regido, não por leis biológicas, mas por leis sócio-históricas.

Com efeito, o desenvolvimento histórico o qual surge a partir do desenvolvimento biológico culmina com o surgimento do ser social, possibilitando por meio do trabalho, o surgimento da sociedade, dos complexos sociais em resposta às necessidades humanas. Na ontogênese ocorre a apropriação da cultura advinda de gerações precedentes, possibilitando ao homem a apropriação do conhecimento historicamente acumulado pela humanidade.

3. Trabalho e Educação contemporânea

O trabalho em seu sentido ontológico tem sido historicamente negado no processo da formação humana, pois na Grécia Antiga e na Idade Média era considerado responsabilidade dos seres inferiores, como escravos e servos. Assim sendo as atividades exercidas pela classe reconhecidamente mais abastada eram voltadas para a elevação espiritual ou intelectual, favorecendo o ócio.

Com a ascensão do capitalismo várias modificações são empreendidas na idéia de formação humana. No entanto como reconhece Tonet (2007, p. 74):

“houve uma inversão entre trabalho e formação cultural. O trabalho passou a ser privilegiado como atividade principal. Não, porém, o trabalho como uma atividade criativa, explicitadora das potencialidades humanas, mas o trabalho como simples meio de produzir mercadorias e, especialmente, a mercadoria das mercadorias, que é o dinheiro.”

Tal fato repercute negativamente na formação verdadeiramente alinhada a consecução do gênero-humano, fragmentado a relação sujeito-objeto, espírito-matéria. Nesse sentido, no rastro do pensamento lukacsiano, Lessa (1992, p.2), assevera que:

“a categoria do trabalho é a categoria fundante do ser social. No contexto da ontologia Lukácsiana, isto significa que, por um lado, a gênese da categoria do trabalho corresponde à gênese de uma nova esfera de ser, de uma nova substancialidade, radicalmente distinta do ser apenas natural. E, por outro lado, que o trabalho fornece a protoforma, o modelo genérico, da práxis humano-social.”

Lukács nos trás a noção de “evolução”, desenvolvimento de uma esfera inorgânica da vida a uma esfera social, onde o ser sofre um salto ontológico, através do trabalho. Salto este

que permitiu ao homem se diferenciar dos demais animais, uma vez que este impõe exigências uns aos outros e para sobreviver necessita obedecê-las. A categoria do trabalho aparece em Lukács tanto como a forma originária da práxis humano-social como fundamento ontológico do mundo dos homens. (LESSA, 1992)

Ocorre que as relações sociais de dominação engendradas pelos próprios homens criam formas dicotômicas de trabalho, estabelecendo rupturas no trabalho em seu sentido ontológico, as quais configuram, por exemplo: trabalho produtivo x improdutivo, trabalho qualificado x trabalho não qualificado, trabalho intelectual x trabalho manual. Esta divisão determinante em uma sociabilidade cindida, onde a classe reconhecidamente dominante detém condições favoráveis a objetivação de uma formação que repercute em trabalho qualificado/intelectual enquanto a classe dominada cabe a realização do trabalho não qualificado e manual.

Vivemos em uma realidade objetivamente social característica de uma sociedade onde as transformações são produzidas pelo trabalho e não por forças naturais. Assim, as relações sociais entre os homens são construídas no decurso de suas atividades, portanto não podemos atribuir a outrem a responsabilidade de nossas ações, ocultando a exploração do homem pelo homem.

Nesse sentido, há que se reconhecer que as aquisições do desenvolvimento histórico da humanidade não são apreendidas por todos os homens igualmente, isso ocorre devido à desigualdade econômica, à desigualdade de classes e à diversidade consecutiva das suas relações com as aquisições da cultura. Corroborando com Leontiev, Tonet (2007) reconhece que a divisão social do trabalho faz com que a atividade material e intelectual, a produção e o consumo pertençam a classes diferentes, ou seja, para a maioria das pessoas a apreensão cultural é limitada, é ditada pelas classes dominantes que detém os meios de difusão da cultura intelectual.

A classe dominada precisa apreender o movimento do real para que então possa empreender esforços coletivos no sentido de romper com essa lógica. A apropriação do conhecimento universal implica contrapor-se a ideologia dominante, uma vez que a formação ora destinada à classe trabalhadora, vem servindo à reprodução do capital, em detrimento da reprodução do ser dos homens, o que nos leva a assinalar que, desse modo, jamais o conjunto dos homens conseguirá sua emancipação.

Tanto o processo de alienação como o de apropriação da cultura pelo gênero humano são resultado de aquisições históricas pela humanidade, eles não vêm prontos, inerentes ao homem. Reiterando, como já pontuamos, o homem precisa “aprender” a ser homem, se humanizar, já que as aptidões especificamente humanas não são transmitidas hereditariamente. Nesse processo, alguns elementos têm papel primordial - a aquisição de linguagem e a “hominização do cérebro” (Leontiev, 2004, p. 289). No cérebro apareceram formações que são o substrato das funções específicas do homem resultado da apropriação da cultura: essas formações permitiram ao desenvolvimento biológico obedecer às leis sócio-históricas, pois tornou o cérebro um órgão capaz de formar órgãos funcionais, como atesta Leontiev (2004).

Para o psicólogo soviético, na incorporação da linguagem encontram-se processos de apropriação das operações de palavras, suas significações e a fonética. Assim formam-se no homem as funções de articulação e audição, resultando em novas aptidões, em novas funções psíquicas. As relações do homem com o mundo têm sempre por intermediário, a comunicação, sob a forma verbal ou mental, ela é uma das condições necessárias do desenvolvimento do homem na sociedade; e no subproduto da comunicação, através do qual a criança aprende, está o processo de educação.

O processo de educação deve sempre ocorrer, pois através dele é possível a transmissão dos resultados da cultura humana, do desenvolvimento sócio-histórico. A educação para Leontiev (2004) é por assim dizer, a continuidade do movimento da história.

Se tomarmos o significado de educação adotado pelos dicionários e pela sociedade ocidental, percebemos que o ato de educar ou de ser educado está ligado a representação de um ato de instrução, de formação integral do homem, que envolve tanto o desenvolvimento de capacidades lógicas e de raciocínio, quanto o desenvolvimento do caráter moral e cidadão. Destaca-se nesse ponto a natureza e a função social da educação.

Contudo, existe nessa definição uma contradição eminente: pelo sistema de sociedade de classes e com uma distribuição de renda cada vez mais concentrada, a educação segue conteúdos e métodos ligados aos interesses das classes dominantes e mantenedoras do sistema capitalista. As atividades educadoras e produtivas na sociedade capitalista são essencialmente movidas pela lógica econômica de reprodução do capital, é o que determina seus sentidos.

O modelo de educação na sociabilidade capitalista limita as potencialidades humanas tanto de crianças quanto de jovens e adultos, através de teorias hegemônicas alinhadas ao pragmatismo e divorciadas da filosofia da práxis. Desse modo, prestando-se á fragmentação da subjetividade, envolto em um denso véu ideológico, o conhecimento destinado a classe trabalhadora esvaziado de seus fundamentos teóricos perfilam-se mais ao como fazer, as operações distanciando-se cada vez mais da atividade prática consubstanciada em reflexões conscientes. Desse modo, a sociabilidade contemporânea destina a homens, cuja formação integral tem sido historicamente negada, postos de trabalho precarizados, configurando a agudização da (de)formação humana.

Nesse sentido Tonet (2007, p. 81) afirma que:

“O discurso da formação integral sem o questionamento das raízes da desigualdade social, sem uma firma tomada de posição contra a lógica do capital, contribui, não importa se consciente ou inconscientemente, para a reprodução de uma forma de sociedade inteiramente contrária àquela proclamação.”

Para o autor, podemos falar em uma escravidão moderna, típica de nossa sociedade e tempo histórico, em que estamos presos a um ciclo onde a educação despendida, grande instrumento de formação humana, prepara indivíduos para se engajar e reproduzir a lógica capitalista. “a relação capital-trabalho implicará sempre a exploração do homem pelo homem e, portanto, uma forma de escravidão.” (Tonet, 2007 p. 81).

Por isso ele defende que para uma verdadeira educação integral é necessário recorrer a uma concepção filosófica que de fato contribua para a análise e intervenção no mundo dos homens, no sentido de transformar o que está posto. Para o autor a teoria marxiana, constitui o fundamento teórico que mais se alinha á formação de indivíduos engajados na construção de uma nova sociedade, conferindo ao sujeito a possibilidade de formas de pensamento e ação revolucionários, comprometidos, portanto com as lutas sociais da humanidade, desafetas do subjetivismo.

No que se refere ao processo de desenvolvimento das funções psicológicas superiores, é imprescindível o papel da educação escolar e da atividade docente para a apreensão dessas funções pela criança e, principalmente, os questionamentos a respeito do papel do professor no aprendizado e no processo de humanização do aluno.

Primeiramente a criança apropria-se de conceitos espontâneos, através da relação com o mundo a sua volta. O contato com os meios externos do desenvolvimento cultural e do pensamento, que são objetivações genéricas, contribuem para o desenvolvimento da atenção voluntária, pensamento abstrato, formação de conceitos, entre outras funções. Essas funções

adquiridas através da experiência empírica da criança estão relacionadas com os conceitos espontâneos formados por ela. Os conceitos científicos são formados no processo de aprendizagem escolar, pois necessitam de uma ação intencional, que tenha como objetivo a assimilação desse conceito pela criança. A aprendizagem desses conceitos científicos exige muito mais da criança e também provocam o surgimento e a evolução das funções psicológicas superiores.

Vigotski destacou a importância do papel do professor no aprendizado científico. Para ele a colaboração entre professor e aluno é fundamental para o amadurecimento das funções psicológicas superiores da criança. Vigotski destaca o papel da atividade docente no sentido de que o professor apresenta os conhecimentos e indaga o aluno a respeito deles, estimulando a criança a pensar. Desse modo, a tendência do aluno quando estiver sozinho será imitar o raciocínio do professor, raciocinando ele mesmo sobre determinada questão, porém esse processo só é possível porque houve uma colaboração anterior do professor, que “ensinou o aluno a pensar”.

Atualmente é incentivada em muitas escolas a aprendizagem espontânea como meio de adquirir o conhecimento científico, nesse sentido, a apropriação do conhecimento seria realizada de forma autônoma pelo aluno. Esse método considera mais significativo o que o aluno aprende sozinho, impulsionado por seus interesses e necessidades. Privilegiando a aprendizagem, o caráter subjetivista em detrimento da subjetividade, o ensino, nessa perspectiva reduz significativamente o papel do professor, já que é o próprio aluno que constrói seu método de aprendizagem em busca do conhecimento.

Observamos o ato de ensinar diminuído, abrindo-se um fosso cada vez mais profundo entre o ensinar e o aprender, entre a teoria e a prática, em nome do pragmatismo. Desse modo o professor passa a ser mero direcionador do caminho que o aluno deve seguir para aquisição de novos conhecimentos. Operando nessa lógica, a educação como transmissão do patrimônio historicamente acumulado pela humanidade, vai sendo descaracterizada, impedindo que se promova um aprendizado perspectivado na emancipação humana, formando alunos meramente captadores, reprodutores das idéias existentes, sem fundamentos teórico-práticos que lhes possibilitem contrapor-se a tais idéias ou ainda sem meios para criação de novas idéias, cristalizando formas de pensar, sentir e agir na esfera da cotidianidade.

4. Considerações Finais

Sabemos que existem várias correntes teóricas naturalistas filogenéticas ou biologicistas ou ainda aquelas que acreditam na personalidade como algo presente desde o nascimento, que regula o modo de agir e pensar do homem, como estes existissem independentemente das atividades sociais. Sabemos, no entanto que o papel da sociabilidade no processo de humanização, da formação da subjetividade é fundamental.

Acreditamos que três fatores são de grande relevância no desenvolvimento da sociedade humana: a *ordem biológica*, *filogenia*, afinal sem as mudanças evolutivas em órgãos cruciais, o homem não teria alcançado tantos progressos; a *ontogenia*, destacando os processos de hominização e humanização e a necessidade da vida em grupo; e o *trabalho*, como mediador da transição da vida orgânica para a social.

Por meio desta explanação esperamos ter conseguido elucidar algumas questões advindas da relação entre a psicologia histórico-cultural, trabalho e educação; demonstrar as influências da teoria de Marx sobre a natureza social da mente nos postulados da Psicologia Soviética e também da importância da mediação, ação de um ser humano sobre outro, para o desenvolvimento do novo ser humano.

A implicação da transmissão do patrimônio historicamente acumulado pela humanidade na formação integral de nossas crianças se torna explícita, pois caso não houvesse um ser humano que “ensinasse” ao outro, não haveria a apropriação das riquezas desenvolvidas em cada geração. No rastro dos estudos de Leontiev reconhecemos que a maneira que uma geração apreende os conteúdos desenvolvidos pelas gerações precedentes, é, sem dúvidas, o trabalho. É pelo trabalho que ocorre a apropriação ativa dos meios culturais, trabalho este não entendido apenas sob a forma de emprego - afeito a empregabilidade, aspecto necessário à reprodução do capital em seu metabolismo, mas sim no seu sentido mais amplo, potencializador das características humano-genéricas.

REFERÊNCIAS

FACCI, M. G. D. **Valorização ou esvaziamento do trabalho do professor?** Um estudo crítico-comparativo...; Campinas, SP, Autores Associados, 2004, p. 195-250.

LEONTIEV, A.; **O Desenvolvimento do Psiquismo.** São Paulo, Centauro, 2004.

LESSA, S. Lukács: Objetivação, Trabalho, Alienação. **Revista Trans/forma/ção.** São Paulo: Unesp de Marília, V. 15, p. 39-51, 1992. Disponível em: <http://www.sergiolessa.com/artigos_92_96/trabalho_objetivacao_alienacao_1992.pdf>. Acesso em: 8 out. 2009.

LESSA, S; TONET, I. **Introdução à filosofia de Marx.** São Paulo, Expressão Popular, 2008, p. 17-27

TONET, I. **Educação, Cidadania e Emancipação humana.** Ijuí: Ed. Unijuí, 2005.

_____. **Educação contra o capital.** Maceió: UFAL, 2007.

VIGOTSKI, L.S. **A percepção e seu desenvolvimento na infância.** São Paulo, Martins Fontes, 1998.

_____. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** São Paulo, Martins Fontes, 2008, p. 51-58.